

O Núcleo em que eu vivi

Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor de Redação

No ano da graça de 1960, jovem e solteiro, mudei-me para Brasília, atraído pela notícia de que a nova Capital teria uma universidade revolucionária, completamente inovadora dos padrões conservadores vigentes à época. E morar em Brasília, em 1960, significava morar no Núcleo Bandeirante.

Com a ajuda de um amigo pioneiro, o competente contador Antônio Carlos Santa Rosa, fixei-me no velho Hotel Avenida, da Avenida Central, onde vivi alguns meses de uma aventura inédita, sentindo-me personagem do velho oeste dos filmes americanos.

O Núcleo Bandeirante ou cidade li-

vre, seu nome popular — era uma colméia que não parava nunca. Ela regurgitava de gente, de negócios e de poeira nas 24h do dia, inclusive aos domingos e feriados. Um serviço de alto-falante atazanava os nossos ouvidos o dia inteiro. O velho mercado municipal vendia de tudo: charque do norte de Minas, carne seca do Nordeste, paio de Santa Catarina. Um cineminha poeira e sem-vergonha exibia um filme por dia, de banguê-banguê ao drama francês, das comédias de Cantinflas ao burlesco norte-americano.

Havia trabalho para todos, do cangango da construção civil ao engenheiro, da professora ao aventureiro e charlatão. O mercado era comprador. Negócios eram feitos e desfeitos no meio da poeira. Comprava-se e vendia-se de tudo. Apesar da desordem geral, não era um lugar violento. As facadas e tiros geralmente aconteciam por conta dos bêbados e por culpa da disputa pelas

mulheres, escassas criaturas naquele universo masculino. A zona boêmia era o palco mais comum das tragédias do cotidiano.

Havia duas divindades: Deus no céu e Juscelino na terra. O Presidente era idolatrado, como o provou, entre outros episódios, o comício entusiasmado do seu candidato à Presidência, marechal Lott, no Núcleo Bandeirante. O Distrito Federal, fiel a JK, daria a Lott uma das poucas vitórias naquela eleição contra Jânio Quadros, em 3 de outubro de 1960.

Comia-se paca, tatu e jacaré num restaurante exótico, bebia-se uísque escocês no “Chez Willy”. E ninguém acreditava que o Núcleo Bandeirante fosse desaparecer um dia, como rezava a cartilha de Niemeyer-Lúcio Costa. Cidade “provisória”, está lá até hoje. Firme e forte, nos seus 35 anos de vida, de lutas, de amores e de saudades.